

Vol 5 Issue 11 August 2016

ISSN No : 2249-894X

---

*Monthly Multidisciplinary  
Research Journal*

*Review Of  
Research Journal*

Chief Editors

---

**Ashok Yakkaldevi**  
A R Burla College, India

**Ecaterina Patrascu**  
Spiru Haret University, Bucharest

**Kamani Perera**  
Regional Centre For Strategic Studies,  
Sri Lanka

Review Of Research Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial Board readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

### Regional Editor

Manichander Thammishetty  
Ph.d Research Scholar, Faculty of Education IASE, Osmania University, Hyderabad.

### Advisory Board

Kamani Perera Regional Centre For Strategic Studies, Sri Lanka	Delia Serbescu Spiru Haret University, Bucharest, Romania	Mabel Miao Center for China and Globalization, China
Ecaterina Patrascu Spiru Haret University, Bucharest	Xiaohua Yang University of San Francisco, San Francisco	Ruth Wolf University Walla, Israel
Fabricio Moraes de Almeida Federal University of Rondonia, Brazil	Karina Xavier Massachusetts Institute of Technology (MIT), USA	Jie Hao University of Sydney, Australia
Anna Maria Constantinovici AL. I. Cuza University, Romania	May Hongmei Gao Kennesaw State University, USA	Pei-Shan Kao Andrea University of Essex, United Kingdom
Romona Mihaila Spiru Haret University, Romania	Marc Fetscherin Rollins College, USA	Loredana Bosca Spiru Haret University, Romania
	Liu Chen Beijing Foreign Studies University, China	Ilie Pintea Spiru Haret University, Romania
Mahdi Moharrampour Islamic Azad University buinzahra Branch, Qazvin, Iran	Nimita Khanna Director, Isara Institute of Management, New Delhi	Govind P. Shinde Bharati Vidyapeeth School of Distance Education Center, Navi Mumbai
Titus Pop PhD, Partium Christian University, Oradea, Romania	Salve R. N. Department of Sociology, Shivaji University, Kolhapur	Sonal Singh Vikram University, Ujjain
J. K. VIJAYAKUMAR King Abdullah University of Science & Technology, Saudi Arabia.	P. Malyadri Government Degree College, Tandur, A.P.	Jayashree Patil-Dake MBA Department of Badruka College Commerce and Arts Post Graduate Centre (BCCAPGC), Kachiguda, Hyderabad
George - Calin SERITAN Postdoctoral Researcher Faculty of Philosophy and Socio-Political Sciences Al. I. Cuza University, Iasi	S. D. Sindkhedkar PSGVP Mandal's Arts, Science and Commerce College, Shahada [ M.S. ]	Maj. Dr. S. Bakhtiar Choudhary Director, Hyderabad AP India.
REZA KAFIPOUR Shiraz University of Medical Sciences Shiraz, Iran	Anurag Misra DBS College, Kanpur	AR. SARAVANAKUMARALAGAPPA UNIVERSITY, KARAIKUDI, TN
Rajendra Shendge Director, B.C.U.D. Solapur University, Solapur	C. D. Balaji Panimalar Engineering College, Chennai	V.MAHALAKSHMI Dean, Panimalar Engineering College
	Bhavana vivek patole PhD, Elphinstone college mumbai-32	S.KANNAN Ph.D , Annamalai University
	Awadhesh Kumar Shirotriya Secretary, Play India Play (Trust), Meerut (U.P.)	Kanwar Dinesh Singh Dept.English, Government Postgraduate College , solan

More.....



## I AM THE ONE WHO IS SPEAKING NOW, PARINTINENSE

Jocifran Ramos Martins<sup>1</sup> and Iraildes Caldas Torres<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Master degree student in Society and Culture in Amazonia – PPGSCA – UFAM. He's Portuguese and Literature teacher by SEDUC-AM,

<sup>2</sup>Post doctor degree in Social Anthropology by Université Lumière Lyon 2, France. Professor and Researcher at Federal University of Amazonas–UFAM.

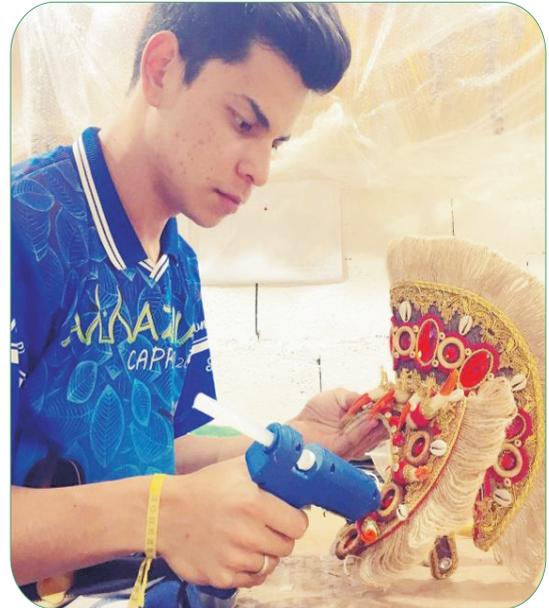
### ABSTRACT

In this work, we propose to know identity of citizens of Parintins from a perspective of speech. Therefore, we seek to know how people from Parintins understand themselves, which senses they use to demonstrate, if they confirm or not the meanings assigned to their identity. This study is guided by the perspective of subject of Michel Foucault and the theoretical and methodological movements that Eni Orlandi performs about the "heritage" of Pêcheux, regarding of speech categories, discursive formation, subject and interdiscourse, and concerning analysis bases. Identity is discussed starting with the difference of approaches, from Tomaz Tadeu da Silva, of its abstract and fluid condition, from Renato Ortiz, but mainly of its affirmation and support through language in its discursive dimension, from Kathryn Woodward and Stuart Hall. The research, of qualitative nature, was carried out through interviews recorded and later transcribed, that formed the corpus.

**KEYWORDS** : identity; subject; speech; discursive formation; senses.

### AGORA QUEM FALA SOU EU, PARINTINENSE

**RESUMO:** Neste trabalho, propõe-se discutir a(s) identidade(s) parintinense(s) sob a ótica do discurso. Neste propósito, procura-se conhecer como os parintinenses se compreendem parintinenses, quais os sentidos utilizam nessa manifestação, se confirmam ou não os significados atribuídos a sua identidade. Este estudo está pautado pela



perspectiva de sujeito de Michel Foucault e pelos movimentos teórico-metodológicos que Eni Orlandi realiza sobre a "herança" de Pêcheux, quanto às categorias discurso, formação discursiva, sujeito e interdiscurso, e quanto às bases de análise. A identidade é abordada a partir dos enfoques da diferença, em Tomaz Tadeu da Silva, da sua condição abstrata e fluida, em Renato Ortiz, mas principalmente da sua afirmação e sustentação por meio da linguagem na sua dimensão discursiva, em Kathryn Woodward e Stuart Hall. A pesquisa, de cunho qualitativo, foi realizada por meio de entrevistas gravadas e posteriormente transcritas, com que se formou o *corpus*.

**Palavras Chave:** identidade; sujeito, discurso; formação discursiva; sentidos.

### A literatura na construção da “alma” nacional

Pensadores das mais diversas formações já empreenderam inúmeras tentativas de abordagens a fim de se captar aquilo que nos formou e nos constituiu como povo. Gambini (2000, p. 158) assinala que Desde o século XIX, pensadores brilhantes e historiadores das melhores procedências têm construído excelentes análises de nossa realidade do ponto de vista econômico e político, ou pelo prisma das relações internacionais, da dialética entre metrópole e colônia, da organização social do Brasil da casa-grande e senzala, já se estudou a contribuição indígena e africana na construção da nacionalidade, a história da imigração, a industrialização, o êxodo rural e o processo de urbanização. Há histórias das constituições brasileiras, da evolução do Direito, da literatura e do pensamento gerados neste país. Mais recentemente os pesquisadores têm voltado sua atenção para as mentalidades e a vida privada.

Diferente da propositura de Gambini (2000), que é “uma leitura psicológica da História do Brasil”, o que se pretende aqui é refletir sobre os esforços no usoda arte, especialmente da literatura e do folclore, na construção da identidade nacional e, posteriormente, da regional. E, no caso da região, como o principal afetado por esse processo, o homem comum, o representante do povo, concebe, entende e expressa sua compreensão de identidade atrelada à manifestação artística.

O anseio de captar o que Gambini (2000, p.158) chamou de “alma brasileira [...] : um âmagu, uma essência que nos faz ser quem somos e sobre a qual se constrói uma identidade coletiva” parece que permanece latente, tanto que em diferentes momentos da história emergiu a necessidade da afirmação da diferença do país por meio da exaltação das suas características e de seu povo. Nessas tentativas, a arte - a literatura e o folclore em especial - ultrapassara as finalidades estéticas e fora tomada como instrumento político de construção e afirmação da identidade.

Um desses momentos foi o período pós-independência política de Portugal, quando o projeto de país teve no Romantismo um veículo para criação do ideal de nação. A princípio, a “invenção” de um Brasil independente que nascia com perspectivas de um futuro grandioso precisava estar edificada em firmes fundações, num passado incontestável e nobre, segundo os modelos românticos europeus.

Se na Europa havia o cavaleiro medieval, com sua armadura e seu cavalo, fundando os Estados Nacionais, aqui, na busca de um passado glorioso, o índio foi elevado ao panteão de herói nacional. Descartavam-se os elementos alienígenas europeu e africano e se punha em relevância um modelo idealizado de indígena como legítimo formador e representante do povo brasileiro. Com essa missão política nasceram Iracema e Peri, ambos personagens românticos de Alencar. A escolha do representante legítimo do povo brasileiro, mesmo que não intencional, fora resposta antitética à negação da humanidade aos índios donos da terra que o colonizador julgou descobrir, ignorando que

o índio brasileiro aprendera a sobreviver, encontrar e preparar alimentos, proteger-se da natureza e de seus espíritos, formar vínculos sociais e estabelecer formas de convívio criar uma língua, encontrar meios de curar ferimentos ou doenças, achar graça e beleza na vida, distinguir o benéfico e o maléfico, encontrar respostas para o surgimento da vida e o mistério do pós-morte, descobrir o lugar do homem no cosmo e quais as forças que regem o ilimitado. Ou seja: organização social, tecnologia material, arte, língua, mitologia, religião, lazer, produção, filosofia, metafísica, valores, vontade de viver. Isso tudo foi maravilhosamente resolvido pelos 6, 10 ou talvez 12 milhões de índios que deviam habitar o Brasil no século XVI, distribuídos por mais de mil grupos culturais distintos. (GAMBINI, 2000, p. 160)

Nas primeiras décadas do Século XX, período marcado pela eletricidade, o automóvel, as fábricas, os sindicatos, as reivindicações trabalhistas, a Revolução Russa, as vanguardas artísticas, como

o Cubismo, o Futurismo, Dadaísmo, o Surrealismo, o mundo emergiu da embriaguez da internacionalização da liberdade, da Belle Époque, que provocou mudanças profundas no pensamento e nos valores nacionais e internacionais. A atmosfera de “doce vida” foi interrompida pela Primeira Grande Guerra. Nessa nova perspectiva, constatou-se o atraso do Brasil no cenário internacional, o grande vazio demográfico e a fragilidade de suas fronteiras, reforçando a necessidade de promover a discussão dos problemas internos e de buscar suas soluções.

Ainda em 1916, precursora da nova mentalidade, é fundada a Revista do Brasil com o propósito de discutir e incentivar a valorização do país, promover o engajamento de todos, principalmente dos intelectuais, na construção da unidade nacional. Não caberiam mais, segundo a revista, o intimismo e o escapismo, características romântico-simbolistas. O momento era de trabalhar na criação e no fortalecimento da identidade brasileira. De Luca (1999, p. 40, 41) assinala que,

De uma exaltação contemplativa da beleza natural e das potencialidades ilimitadas da terra, passou-se a advogar a necessidade urgente de conhecer, explorar, administrar e defender o território. Contudo, não bastava arrolar medidas, era preciso passar à ação, o que forçava as elites pensantes a defrontarem-se com a realidade nacional, ensaiar diagnósticos e propor soluções para aqueles que lhes pareciam ser os nossos males. Proliferaram então discursos nos quais o Brasil interessava não pelo que era, mas pelo que poderia vir a ser. [...] A história, a geografia, a língua, a produção literária, o sistema político, as características antropológicas da população passaram a ser esmiuçadas num esforço que, segundo seus mentores, permitiria aos brasileiros assenhorearem-se efetivamente do país.

No ano do centenário da Independência, 1922, a Semana de Arte Moderna propõe a atualização da mentalidade criadora nacional. Na ficção, Mário de Andrade (2010) publica *Macunaíma* em 1928, obra que, sob influências europeias de vanguarda, pretende dar conta, no plano da ficção, do problema da identidade brasileira. Para Mário, o brasileiro é multifacetado, resultado da união de três raças: a branca, a negra e a índia.

*Macunaíma* é o Brasil e o brasileiro. Fortemente influenciado pelas vanguardas, Mário empreende um esforço de mostrar de uma “pinclada” só o Brasil e o brasileiro sob todos os seus ângulos e aspectos, como faria Picasso num quadro cubista. *Macunaíma* nasce negro, de mãe índia e sem pai declarado, e mais tarde torna-se branco de olhos azuis, o que demonstra ser resultado de mestiçagem. *Macunaíma*, que apresenta comportamentos bem divergentes, como se trouxesse dentro de si seres tão estranhos quanto diversos, ora é sério, ora é brincalhão, é amigo, lascivo, trapalhão e enganador, banza entre rituais de macumba, mitologia indígenas e crenças caboclas. Aprecia as danças e a culinária brasileiras. Enfim, é a síntese escrachada do Brasil e do brasileiro, ou a tentativa dela.

## 2. O boi-bumbá na criação da “alma” regional

Na Amazônia, na segunda metade do século XX, aconteceu um movimento análogo aos esforços nacionais. Para cunhar uma identidade que unificasse e representasse a região diante do Brasil e do mundo, novamente a arte torna-se ferramenta política. O estado apropriou-se das manifestações populares para transformá-las em projeto de valorização regional. De acordo com Cardoso (2014, p. 02),

Na Amazônia, a década de 1990 emergiu como o momento em que várias festividades folclóricas de cunho popular fossem vistas e “potencializadas” de um cenário local (a Ciranda, em Manacapuru-AM; Sairé, em Alter do Chão-PA; Festival Folclórico do Boi-Bumbá, em Parintins-AM; Bumba-meu-boi, em São Luís-MA, etc) para serem representações de identidade regional e, porque

não dizer, fazer parte das diversas representações identitárias nacionais. Discursos que começam a circular nas mídias, nas propagandas publicitárias e que vão influenciar o modo pelo qual essas apresentações folclóricas começam a ser vistas como espetáculos.

No artigo *“Território e Identidade no Boi Bumbá de Parintins”*, Furlanetto (2011) procura demonstrar a participação do estado na construção da identificação popular com a festa folclórica do boi bumbá, a fim de cunhar a identidade sociocultural da cidade de Parintins. Para este autor,

O Festival de Parintins parece reforçar esta soberania do Estado, tendo como referência a escala local e projetando-se para além da escala regional. Em meio à transmissão televisiva do espetáculo do boi em 2010, durante os intervalos comerciais, o governo do Amazonas veiculava uma propaganda com imagens que exaltavam as identidades regionais, enquanto se ouvia uma música que repetia o refrão “eu tenho orgulho de ser amazonense”, e finalmente aparecia o slogan “a Amazônia é do Brasil” – uma interpretação da Amazônia em escala abrangente para todo o país (FURLANETTO, 2011, p. 05)

A identidade parintinense foi ligada inexorável e exclusivamente à festa folclórica do boi bumbá. Essa construção se deveria aos discursos oriundos de diversas formações discursivas, desde a política até a econômica, construídas nas últimas décadas, mais precisamente a partir das décadas de 80/90. O parintinense, que num primeiro momento fora objeto de uma campanha de massificação e fortalecimento das manifestações populares regionais, teria assumido a posição de sujeito de um discurso que tem o Festival Folclórico como autêntico representante da cultura local e regional e, por isso, de sua identidade.

O parintinense comum, o homem do povo, aquele que não está ligado diretamente ao festival folclórico e seus desdobramentos, ou seja, não frequenta os ensaios dos bumbás, as festas que são promovidas periodicamente, o bumbódromo durante o mês de junho e não possui nenhuma atividade profissional ligada diretamente aos eventos citados, pode ter sido sensivelmente influenciado. Sob a argumentação econômico-política, passou a utilizar a representação cultural agora reconhecida, fortalecida e valorizada pelo estado e pela indústria cultural (COSTA, 2003) como a mais representativa da identidade local. “Destarte, a identidade é processada de acordo com interesses que caibam nessa espetacularização que visa, principalmente, fazer com que todos se sintam parte do espetáculo e se identifiquem com aquela cultura” (CARDOSO, 2014, p. 2)

O parintinense, na visão das autoras Máximo e Tofol (2010), alimentaria um latente autopreconceito com suas origens étnicas, do qual se teria libertado pela valorização que a festa conquistara. Segundo elas,

Com a festa ganhando mais destaque na mídia, os descendentes de indígenas e caboclos começaram a sentir orgulho das suas origens e não sentem mais vergonha de assumir as suas etnias. No decorrer de todo este processo que modificou a cultura original do bumba-meu-boi vinda do Maranhão, transformando os folguedos de Caprichoso e Garantido no atual boi-bumbá de Parintins, algumas raízes se perderam, mas a cultura amazônica ganhou um importante meio de divulgação e preservação das suas tradições. (MÁXIMO e TOFOL, 2010, p. 4)

A participação da mídia impressa, mais precisamente dos jornais, fora decisiva na veiculação dos discursos econômico-político na massificação da ideia de valorização do festival Folclórico de Parintins, elevando-o ao posto de representante regional e nacional da síntese da identidade do amazonense e, especialmente, do parintinense. “As histórias do processo de construção dessa identidade cultural são revividas pela comunidade através dos jornais, quando eles buscam relatar novamente toda trajetória da festa”. (IDEM, 2010, p.11)

### 3. A “alma” amazônicavista de dentro

Mas estes discursos veiculados foram construídos pelo outro, possivelmente frutos da visão de espectador ansioso pela novidade ou, ainda, como ação engendrada com fins políticos de valorização regional. Parece que no processo se deixaram de fora os relatos dos sujeitos diretamente atingidos por esses discursos, ou seja, os que mais sofreram seus efeitos. Não se teria tentado conhecer a memória discursiva com que esses sujeitos se constituem, não se buscou refletir sobre as formações discursivas e, portanto, ideológicas com que se constroem como parintinenses. Conhece-se sua identidade a partir do que foi produzido e veiculado sob a perspectiva oficial, ou seja, dos que representam o poder econômico, o político e o midiático, atrelando diretamente a identidade parintinense ao Festival Folclórico. Para Cardoso (2014, p. 10),

No caso do Festival de Parintins veremos que a partir da espetacularização da festa, a partir da década de 1990, houve um intenso e constante envolvimento da mídia, da indústria cultural, das relações políticas dentro das agremiações dos bumbás e fora delas, na tentativa de se produzir sentidos e memória para o espetáculo.

É importante que se conheçam as formas como o parintinense expressa sua(s) identidade(s), que pode ter assimilado positivamente ou rejeitado os sentidos supracitados, compondo ou não com eles uma de suas identidades, já que, no sujeito da pós-modernidade, há inúmeras influências que resultam em identidades multifacetadas, num processo eminentemente histórico e em relação constante de conflito, rejeição e adaptações aos sistemas culturais em que está imerso. (HALL, 2006)

A(s) identidade(s) que pode(m) emergir dos relatos do homem comum parece ser uma nova maneira de tratar a questão da construção da(s) identidade(s) parintinense(s), que certamente não é homogênea. Muda-se a perspectiva de abordagem, procura-se o ângulo da visão dos outros sujeitos a fim de compreender com mais acuidade como eles manifestam através do discurso o processo de construção da(s) identidade(s) local(is).

Este trabalho empreende uma busca pelas respostas à questão: quais sentidos se fazem presentes nos relatos dos parintinenses sobre sua(s) identidade(s) sociocultural(is)?

### 4. O discurso e a identidade

Os relatos dos parintinenses serão tomados como discursos e sua análise será pautada pela perspectiva da Análise do Discurso, baseada em Foucault (1987, 2006) e Orlandi (2009, 2012), segundo a qual a linguagem seria um conjunto de instrumentos que podem regulamentar as relações sociais. Os textos ultrapassam a mera representação de algo por meio de letras, palavras, frases (FOUCAULT, 1987). Eles representam uma regularidade intrínseca por meio da qual é possível perceber uma ordem conceitual, as normas e os valores que lhes são próprios (FISCHER, 2001).

A identidade será tomada por seu caráter fluido e complexo. Dada a sua apresentação na atualidade, em que não há uma referência absoluta e direta nos sujeitos, como a biológica, por exemplo, que manteria a identidade fixa e imutável, ou, ainda, estabilizada e centrada num “eu” em interação com a “sociedade”. O que existe, ao contrário, é uma constante construção/representação temporal e contextual, conforme as diferentes maneiras como é enfocada. Daí a abordagem despreziosa da apreensão total e definitiva, pois

O próprio processo de identificação através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial, permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida

historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas em torno de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, pág. 12,13)

Representar a identidade a partir de apenas um viés como ocorre com a identidade parintinense, ligada quase exclusiva e diretamente ao boi bumbá, parece-nos representação reducionista e, por isso, insatisfatória. Na constituição da identidade estão envolvidas outras dimensões, como diferença, fluidez, história, transformação, pertencimento, simbolismo, representação (SILVA, 2011), (ORTIZ, 2006), (WOODWARD, 2011) e (HALL, 2006).

Para Kathryn Woodward (2011), as identidades adquirem sentido e sustentação por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos com os quais são representadas. Já Stuart Hall (2006, p. 50), tratando, como ele mesmo deixa bem claro, de identidade nacional, diz de maneira sucinta: "A identidade [...] é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto ações quanto a concepção que temos de nós mesmos." Daí advém a importância de se ouvir os sujeitos parintinenses conhecer os sentidos por eles utilizados quando buscam construir discursivamente sua identidade, ou seja, como expressam sua compreensão da identidade com a qual justificam ou representam o pertencimento ao grupo.

## 5. Uma questão de método

Além da imprescindível pesquisa bibliográfica com abordagens voltadas para a identidade e para o Discurso, visando ao embasamento teórico necessário para os procedimentos de coleta e análise dos dados, enfim, para o desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com enfoque na identidade local e as formas com que a constroem e a expressam.

Diante da abordagem, como esta proposta faz parte de estudo ainda em andamento, optou-se para compor o corpus para análise os relatos de três representantes da população local. Para a coleta de dados, o roteiro da entrevista compôs-se de questões norteadoras acerca do que os faz se sentirem parintinenses; o que, quando distantes, os faz lembrar de Parintins; se estão satisfeitos com sua identidade atrelada diretamente ao boi-bumbá.

O local da pesquisa foi a cidade de Parintins, situada a leste do Estado Amazonas, a 367 quilômetros da capital Manaus. Bittencourt (2001, p. 13) refere-se à chegada de José Pedro Cordovil à Ilha Tupinambarana em 1798, data aceita oficialmente como a de fundação da cidade de Parintins.

Na ilha que fica separada desta pelo Paraná do Limão, estavam localizadas as tribos dos Sapups e Maués. Em uma das viagens a que aludimos, ficaram n esta o Capitão José Pedro Cordovil, com seus escravos e agregados, isto em 1796, para dedicarem-se a pesca do pirarucu, nos lagos próximos e também a agricultura." (*grafia original*)

Segundo dados do censo de 2010 do IBGE, a área total do município  de 5.952,044 km<sup>2</sup>e, a populao de 102.033 habitantes distribuídos em 69.890 na zona urbana e 32.143 na zona rural.

## 6. A voz e a vez dos parintinenses

Debruçar-se sobre as mais variadas formas de manifestao da linguagem e analisá-la a partir da perspectiva do discurso pode proporcionar uma enriquecedora forma de apreensão da realidade social, pois ela, a linguagem, n s trata do que já existe. Como discurso ela deve ser compreendida no fluxo interminável em interao constante e direta com o passado, ou seja, com os sentidos historicamente construídos, os quais o locutor/enunciador retoma, consciente ou não, para expressar-se no presente.

Mas ela também pode ser elemento importante na construção da própria realidade. Ou seja, a linguagem trata também daquilo cuja existência ainda se resume em potencialidade. De sua existência apenas virtual, ganha sentido e importância na realidade concreta conforme passa a fazer parte dos sentidos veiculados, “pois no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação”. (ORLANDI, 2009, p.21)

As três pessoas ouvidas, doravante serão identificadas por nomes fictícios, mantendo o compromisso de preservar sua privacidade. A primeira entrevista se realizou com uma senhora, com 72 anos de idade, que doravante vamos chamá-la de Dona Maria. Ela apresentou-se como professora. A segunda, um senhor também com 72 anos, profissional autônomo, eletricista, que identificaremos a partir deste ponto com o nome fictício de Seu Heraldo. A terceira, professor da rede estadual, aposentado, com setenta anos, será identificado através do nome Pedro.

As entrevistas foram realizadas nas residências dos entrevistados, entre os meses de dezembro de 2015 e janeiro de 2016. Após um primeiro contato em que foi apresentada a proposta e os objetivos, Dona Maria e Seu Pedro fizeram questão de ter o roteiro escrito com as questões norteadoras, para que se preparassem para o próximo encontro, em que seria gravado o áudio de seus relatos. Manifestaram-se nessa preocupação suas identidades de docentes, preocupados com o planejamento, com a organização dos relatos e com seu desempenho, o que em nenhum momento foi demonstrado por Seu Heraldo, o eletricista.

Dias após o primeiro contato, ao serem questionados acerca do que os faz se sentirem parintinense, ou seja, o que significa para eles ser parintinense, assim se manifestaram:

Ser parintinense eu acho que... é minha vida. É minha vida, porque aqui nasceram meus filhos, aqui estão meus filhos, aqui me casei, aqui vivi a minha vida toda, então aqui é minha vida. Ser parintinense é viver em paz, é ver meus filhos crescendo, educar eles. Acho que é isso... [...] (DONA MARIA, 72 anos, entrevista, 2015)

Orlandi, em *Análise do Discurso, Princípios e Procedimentos* (2009), citando Pêcheux, trata dos esquecimentos presentes na enunciação. Em uma das formas de esquecimento, o enunciador, ao dizer algo, faz escolhas da construção frasal e do vocabulário com que expressa as ideias. Essas escolhas determinam o uso desta ou daquela palavra, desta ou daquela frase, ainda que sinônimas, opta por uma palavra, uma frase e abandona as outras, ainda que sejam sinônimos ou da mesma família parafrástica. Este esquecimento dá ao enunciador a ilusão referencial, fazendo-o acreditar que há uma relação direta entre pensamento, linguagem e mundo.

Dona Maria optou por se identificar como parintinense com palavras pertencentes ao campo semântico da palavra vida, que ela mesma se encarrega de delimitar o sentido atribuído: “É minha vida, porque aqui nasceram meus filhos, aqui estão meus filhos, aqui me casei, aqui vivi a minha vida toda, então aqui é minha vida.” Ser parintinense é a vida, ou seja, o casamento, os filhos, a educação dos filhos. Dona Maria crê que o que diz só pode ser dito dessa maneira, com essas palavras e não com outras.

Mais significativo ainda é outra forma de esquecimento, o ideológico (Idem, 2009). Dona Maria fala de uma posição/função de sujeito de um discurso, o discurso de mãe. Quando faz isso, ela acredita que é origem dos sentidos que utiliza, mas, na verdade, inconscientemente, faz vir à tona o interdiscurso, ou seja, a presença no seu, proferido aqui e agora, de outros discursos que utilizam os mesmos sentidos, oriundos da mesma formação discursiva que o dela, estabelecendo com o que diz uma relação dialógica. Suas palavras só significam o que significam porque já significavam antes, naquilo que fora dito e já faz parte da história. Os sentidos que utiliza não são originários dela, mas sim

construídos nessa história dos dizeres da posição/função dos sujeitos-mãe. E ao enunciar, ela se inscreve também como sujeito-mãe, pois, ao significar, ela também se significa como sujeito de um discurso.

Seu Heraldo, ao ser questionado sobre o que significa ser parintinense, rememorou longamente a história individual: a infância e a juventude, os valores familiares; e a história coletiva: como se davam os relacionamentos entre os membros da população, a organização urbana e a tranquilidade da vida na pequena cidade. E só depois acrescentou:

E me criei na (Rua) Gomes de Castro, tempo bom... Eu fui muito feliz na minha infância e juventude. Eu vivi um período em que todos se respeitavam. Havia os vigilantes, que usavam uma farda amarela. E não havia violência... Eu me lembro bem do Seu Jacuína, que era um vigilante.[...] Se (es) tivéssemos jogando bola na rua e passasse alguém, parávamos. [...] Eu parei de estudar ainda no 1º Grau, para trabalhar e dar oportunidade à minha irmã. Nós dois morávamos com nossos avós. Eu disse a ela: eu vou parar porque eu, de bermuda e de sandália, eu venço na vida, mas você não. Você precisa continuar. Eu vou trabalhar para te garantir teus estudos... [...] Pra mim, ser parintinense... olha... deixa eu te dizer, Jocifran, o que mantém isto é exatamente essa lembrança, tá entendendo? Porque é o seguinte, é aquela história, como o professor, como o engenheiro, se ele faz bem feito uma faculdade, ele é um bom engenheiro, não é? Mas se ele faz mal a faculdade, a profissão pra ele... Então, eu fui criado dessa maneira, vivi a minha infância assim, a minha juventude também. Então, isso me fez criar esse amor por Parintins. (...) (SEU HERALDO, 72 anos, entrevista, 2015)

Seu Heraldo, através de comparação com a formação acadêmica responsável pelo bom profissional, alude aos princípios e valores, em especial, os familiares. Demonstra que ser parintinense é uma construção que se realizou no tempo vivido e, portanto, é histórica. A retomada da memória que Seu Heraldo guarda da cidade como preparação para a resposta à pergunta faz parte do que Maingueneau (2015) chamou de Cena de Enunciação. E é dentro do entendimento das Cenas da Enunciação que podemos compreender a longa retomada da memória da cidade, como preparação e legitimação do que afirmaria a seguir. Essa preparação Maingueneau (2015, p. 122) chama de cenografia:

A noção de cenografia se apoia na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar. Todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende, de fato, suscitar a adesão dos destinatários instaurando a cenografia que o legitima. Esta é imposta logo de início, mas deve ser legitimada por meio da própria enunciação. Não simplesmente é um cenário: ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cenografia da qual a fala vem é precisamente a cenografia requerida para enunciar num ou noutro gênero do discurso.

### **Já o Seu Pedro foi bastante sucinto, dizendo o seguinte:**

Para mim, ser parintinense é ter paz, tranquilidade, família, bem-estar, esperança, amor. Então ser parintinense pra mim é tudo isso. É a terra em que eu nasci e onde eu quero ficar. (...) (SEU PEDRO, 70 anos, entrevista realizada em 2015)

Seu Pedro enumerou palavras sem aparente concatenação sintática, mas todas com sentidos fortes e muito abrangentes: ser parintinense é ter paz, tranquilidade, família, bem-estar, esperança, amor. Algumas dessas palavras parecem clamar por adjuntos para que mais precisamente se situem na gama de possibilidades semânticas que evocam, como a palavra esperança. Esperança em quê? Parece que todas evocam as qualidades da formação familiar, mas Seu Pedro adotou uma estratégia de proteção no seu relato, evitando qualquer exposição desnecessária, tanto que demonstrou, na escolha

das palavras ena construção frasalestar cioso de sua privacidade.

É importante registrar que, ainda que de formas diferentes, provocadas pelo esquecimentos enunciativo e ideológico, todos os entrevistados puseram em primeiro plano sua identidade familiar, ou seja, a identidade de irmão, de mãe e de pai, para se representar como parintinenses.

Convém lembrar o esquecimento ideológico, quando, ao enunciar, o sujeito o faz como se as ideias estivessem se originando nele, naquele momento. Ou seja, esquece-se de que os sentidos utilizados são pré-existentes, construídos historicamente. E ele, na sua fala, lança mão desses sentidos. Só assim é que se torna possível significar o que pretende. Ao fazer isso, está diretamente afetado pela ideologia e as escolhas que faz o ligam diretamente a determinada formação discursiva, pois são exatamente os sentidos utilizados nela, na formação discursiva, que ele escolhe para fazer uso no seu enunciado presente. No momento dessas escolhas o enunciadador se inscreve como sujeito, espécie de porta-voz da formação discursiva de que advêm os sentidos utilizados.

É tão ou mais importante do que se mostrou comum em todos os relatos - a identidade de mãe, de irmão e de pai - o que foi silenciado, o que não foi dito. Nos relatos, silenciaram-se outras identidades e foi adotado o discurso do irmão, da mãe e do pai para se definirem como parintinense. Os sentidos escolhidos foram o de família, com os filhos, a criação, a educação, a vida em paz, ou seja, tudo o que compõe a idealização da vida familiar. Ser parintinense, então, nos relatos coletados, ganha uma dimensão comum a ser pai, mãe e irmão em qualquer outro lugar do mundo.

Mas, e a identidade parintinense ligada às tradições indígenas, à festa folclórica que promoveu a região no Brasil e no mundo? O que há no silêncio sobre isso, que significados pode haver no que não foi dito? São pertinentes, portanto, os questionamentos: por que isso é dito deste modo, nesta situação, e não em outro tempo e lugar, de forma diferente?

Para Foucault, (1987) as escolhas não se encontram na consciência nem na formação intelectual de um autor, de um indivíduo em particular. Existem, sim, no próprio discurso, e todos que pretendam produzir naquele momento, involuntariamente estarão, em grande medida, obedecendo também aos mesmos princípios, pois estarão submetidos à mesma formação discursiva. E o ato da enunciação os inscreve como sujeitos históricos, representantes dessa formação discursiva a partir da qual enunciam. Nessa perspectiva, os sujeitos representam com seus relatos outros sujeitos parintinenses com os quais compartilham os mesmos sentidos para falar de identidade.

As identidades emergem da cultura, compreendida como todos os processos relacionados à vida em sociedade. Ao produzir relatos acerca de sua identidade, os parintinenses estariam reafirmando que a cultura não se limita apenas à manifestação artística, mas a todo fazer humano dentro dos grupos sociais, cuja dinâmica garante a difusão e, principalmente, sua manutenção, embora transformado e renovado pelo movimento dialético da história. Nesse constante movimento dialético tradição e modernidade se encontram para criar identidade. (SANTOS, 2006).

Poderia estar havendo certa resistência à identidade parintinense construída exclusivamente em torno do boi-bumbá? Indícios dessa possível leitura apareceram quando se pediu que os entrevistados fizessem o seguinte exercício de imaginação: se estivessem longe da cidade por um longo tempo, qual lembrança teriam como uma forte ligação com sua identidade parintinense? Dona Maria falou que seria do talento do povo para o artesanato. Seu Heraldo disse que se lembraria das pastorinhas de Dona Cila Marçal, de Maria Preta, de Dona Isabel. Seu Pedro, do peixe assado na brasa, da visão do imenso Rio Amazonas e do Festival Folclórico. Ou seja, apenas um dos entrevistados citou o Festival Folclórico, ainda que a mídia divulgue esta manifestação cultural como a principal representante da identidade parintinense.

Quando questionados se estão satisfeitos com sua identificação como parintinenses ligada

diretamente ao boi-bumbá, responderam:

Eu fico triste. O parintinense não quer mais trabalhar em nada. É só boi, só boi... só boi de pano. Qual a economia que nós temos aqui? Tem alguma indústria aqui? Não tem nada. Já teve. [...] Não gosto, não. Coisa ruim (o festival) traz. Deve ter trazido muita coisa ruim, deve ter trazido muita AIDS, né? Muitas doenças perigosas. [...] Benefício, não. Só pra meia dúzia de um lado e meia dúzia de outro lado. Só quem ganha são eles. Apesar de ter alguns que trabalham, os artistas, né? Tem essa parte. (DONA MARIA, 72 anos, entrevista, 2016)

A identidade de mãe prevalece nos relatos de Dona Maria. O festival Folclórico se presentifica na sua fala a partir do ponto de intersecção com outros discursos que veiculam sentidos negativos oriundos das festividades. Seu enunciado expõe sua posição de sujeito em defesa dos valores estabelecidos nessa formação discursiva e ideológica. A festa ameaça o que ela considera ser parintinense, que é a família, os filhos, a vida em paz. Na verdade, em seu relato gritavam em silêncio sentidos conflitantes com os da identidade de mãe, como a falta de perspectiva: *“Ninguém mais quer trabalhar em nada. É só boi, só boi [...]”*; o clima de liberação sexual que se instaura: *“Muitas doenças perigosas”*.

E assim significaram em silêncio no seu discurso, pois o silêncio (ORLANDI, 1993, p. 83) “[...] pode ser pensado como a respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido”, e “[...] há sempre silêncio acompanhando palavras”.

O boi se tornou um meio de safadeza. E eu não gosto disso. [...] Você liga o rádio é roubo do boi pra todo lado. [...] Está todo mundo querendo ir lá pra pegar seu dinheiro. A pastorinha, não. Brinca com simplicidade e singeleza. (...) Eu não vou ao bumbódromo, (o boi) fugiu muito da origem. Eu acho a pastorinha muito melhor que o boi. (SEU HERALDO, 72 anos, entrevista, 2016)

O altruísmo tão caro a Seu Heraldo, que prima pela retidão e pelo respeito, valores, segundo ele, cultivados no passado da cidade, faz com que o interdiscurso esteja presente em silêncio, “como iminência de sentido” negativo referente à festa folclórica. Pêcheux (apud ORLANDI, 2012) afirma que todo enunciado é suscetível de, pelo efeito metafórico da deriva, tornar-se outro. Por esse efeito, a expressão “pastorinha brinca com singeleza”, passaria a “pastorinha brinca com inocência”, “a manifestação cultural expressa inocência”. Ao tornar-se outras pela derivação ilustrada com as famílias parafrásticas, remete-nos às marcas do relato anterior de Seu Heraldo: os valores de retidão, de educação rigorosa e de respeito vivos na memória, os sentidos construídos historicamente com os quais ele compôs a cenografia para significar-se como parintinense (MAINGUENEAU, 1997).

Não, eu acho que nós ainda tínhamos muitas coisas a serem exploradas, muita coisa mesmo. [...] Em Natal, nós fomos lá num aquário. O que nós fomos ver: tambaqui, pirarucu, piranha. [...] E aqueles pássaros daqui... capivara... Quando chegou um rapaz, queria nos apresentar e nos dar uma lição sobre o pirarucu. Minha filha disse: Não precisa, isso é nosso, somos de Parintins. E ele: Ah! Então eu fico calado que vocês sabem mais do que eu... (risos). A gente não explora nada disso, né. A gente se acostumou só com o Festival. (SEU PEDRO, 70 anos, entrevista, 2016)

Seu Pedro ilustra o reducionismo das referências à identidade parintinense. Segundo ele, há muito mais que o Festival Folclórico. Sua afirmação reitera a ideia de que a identidade, ainda que não possa ser apreendida em totalidade, em essência, está vinculada às formas sociais que a sustentam. E essas formas sociais são múltiplas, de modo que dentro de uma realidade coexistem diferentes maneiras de ser o que se diz ser (ORTIZ, 2006).

Os entrevistados inscreveram-se como sujeitos de uma dada formação discursiva, o discurso dos adultos, dos pais, e com essa identidade representaram-se como parintinenses. E o sujeito, na sua construção histórica, ao se inscrever como tal na enunciação, ao mesmo tempo em que se assujeita às

condições históricas como autor, preso ou comprometido com as formações discursivas, com o interdiscurso, apresenta-se também como livre para fazer escolhas, o que naturaliza os significados utilizados em seus discursos, de modo a parecerem evidências, reflexo fiel e justo da realidade vivenciada (ORLANDI, 2009).

A reflexão acerca da construção da(s) identidade(s) parintinense(s) presente nos seus próprios relatos pode contribuir para trazer à tona não “o sentido verdadeiro, mas o real sentido na sua materialidade histórica” (IDEM, 2009, p. 51), pois “Afinal, discurso é o que as pessoas dizem (e a história é o que elas fazem (Veyne, 1978) – não porque se trata de pessoas que dizem, simplesmente, mas porque, para dizer, estão necessariamente inseridas em situações sociais – às quais se poderia chamar de posições de sujeito.” (POSSENTI, 2002, p. 36).

## 5. REFERÊNCIAS

1. ANDRADE, Mário de. Macunaíma. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 2010.
2. BITTENCOURT, Antônio C. R. Memória do município de Parintins: estudos históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material. Manaus: Edição do Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.
3. CARDOSO, Jorcemara Matos. O discurso de resistência em meio ao folclore. Universidade Federal de São Carlos, 2014. Disponível em <http://www.revistaaledbr.ufscar.br/index.php/revistaaledbr/article/view/85>. acesso em 18 de dezembro de 2015, às 10h30min.
4. Cidades, Amazonas, Parintins. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=130340>. Acesso em 24.12.2015, às 10h37min
5. COSTA, Alda Cristina Silva da, PALHETA, Arlene Nazaré Amaral Alves, MENDES, Ana Maria Pires e LOUREIRO, Ari de Sousa. Indústria Cultural: Revisando Adorno e Horkheimer. Movendo Idéias, Belém, v8, n.13, p.13-22, jun 2003. Disponível em <http://www.cristhianlima.com.br/>. Acesso em 13.08.2015
6. DE LUCA, Tânia Regina. Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.
7. FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. Faculdade de Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Cadernos de Pesquisa, n. 114, novembro de 2001.
8. FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2006.
9. FOUCAULT, Michel. Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
10. FURLANETTO, Beatriz Helena. Território e Identidade no Boi Bumbá de Parintins. Revista Geográfica de América Central, Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica, II Semestre 2011, p. 1-15
11. GAMBINI, Roberto. Espelho índio: a formação da alma brasileira. Coordenação Mary Lou Paris, Caio Kugelmas. São Paulo: AxisMundi: Terceiro Nome, 2000.
12. HALL, Stuart. Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
13. MAINGUENEAU, Dominique. Discurso e análise do discurso. Tradução Sírio Possenti. 1a ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
14. MAINGUENEAU, Dominique. Novas Tendências em Análise do Discurso. Campinas, SP: Pontes, 1997.
15. MÁXIMO, Maria Elisa, e TOFOL, Daniela de. Entre azuis e vermelhos: A relação da imprensa com o processo de construção da identidade parintinense e amazônica no Festival de Parintins. XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Novo Hamburgo – Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 17 a 19 de maio de 2010

16. ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso. Princípios e Procedimentos*. Ed. Pontes, 2009
  17. ORLANDI, Eni P. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4 ed.- Campinas, SP: Pontes Editores, 2012
  18. ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
  19. PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 3ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.
  20. POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso*. Curitiba – Paraná: Criar Edições, 2002
  21. SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Katherine. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*/ Tomaz Tadeu da Silva (org). 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- 

<sup>1</sup>orParintian: Who was born in Parintins City, Amazonas – Brazil. “I am the one who is speaking now”, is a Brazilian expression about the authority one is preaching or talking about something between a lot of people.

<sup>4</sup>INDÚSTRIA CULTURAL: REVISANDO ADORNO E HORKHEIMER, artigo de Alda Cristina Costa e outros, define indústria cultural como o conjunto de meios de comunicação como, o cinema, o rádio, a televisão, os jornais e as revistas, que formam um sistema poderoso para gerar lucros e por serem mais acessíveis às massas, exercem um tipo de manipulação e controle social, ou seja, ela não só edifica a mercantilização da cultura, como também é legitimada pela demanda desses produtos.



**Jocifran Ramos Martins**

Master degree student in Society and Culture in Amazonia – PPGSCA – UFAM. He's Portuguese and Literature teacher by SEDUC-AM,



**Iraildes Caldas Torres**

Post doctor degree in Social Anthropology by Université Lumière Lyon 2, France. Professor and Researcher at Federal University of Amazonas– UFAM.

# Publish Research Article

## International Level Multidisciplinary Research Journal

### For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Books Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

## Associated and Indexed, India

- ★ Directory Of Research Journal Indexing
- ★ International Scientific Journal Consortium Scientific
- ★ OPEN J-GATE

## Associated and Indexed, USA

- DOAJ
- EBSCO
- Crossref DOI
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database

Review Of Research Journal  
258/34 Raviwar Peth Solapur-413005, Maharashtra  
Contact-9595359435  
E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com  
Website : [www.ror.isrj.org](http://www.ror.isrj.org)